



## ***Perfil epidemiológico das internações por sepse do estado de Alagoas nos anos de 2013 a 2023***

Itana Bahia dos Santos <sup>1</sup>, Laura Clarisse Guedes do Nascimento Morais <sup>1</sup>, Paula Thaís Cardoso Menezes <sup>2</sup>, Janaina de Alencar Barbosa <sup>1</sup>, Victor Menezes Cardoso <sup>2</sup>, Emanuel de Freitas Correia <sup>1</sup>, Bárbara Miranda Martins <sup>1</sup>, Arianna Gonçalves Barbosa <sup>1</sup>, Victória Nágila Gonçalves Pacheco <sup>1</sup>, Thayane de Deus Branco Nobre <sup>1</sup>, André Araújo Peixoto <sup>1</sup>.

### ARTIGO ORIGINAL

#### **RESUMO**

A sepse é uma condição clínica crítica que resulta de uma resposta inflamatória sistêmica a uma infecção, levando a uma disfunção orgânica potencialmente fatal. Este artigo tem como objetivo identificar o perfil epidemiológico das internações por sepse notificadas no estado de Alagoas no período de 2013 a 2023. Tendo sido conduzido um estudo epidemiológico, de natureza analítica e corte transversal, com uma análise temporal ao longo dos anos de 2013 a 2023. Para a pesquisa, utilizou-se dados secundários obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), com foco nas internações hospitalares por septicemia ocorridas no estado de Alagoas. A análise dos dados buscou identificar tendências ao longo do tempo, padrões de frequência das internações, além de examinar indicadores epidemiológicos como a taxa de mortalidade e o tempo médio de permanência hospitalar. Conclui-se que o estado de Alagoas, localizado na região Nordeste do Brasil, apresenta características epidemiológicas distintas que influenciam o perfil das internações por sepse. A análise das hospitalizações por sepse em Alagoas entre 2013 e 2023 revela padrões que podem ser atribuídos a fatores regionais e socioeconômicos, incluindo acesso aos serviços de saúde, condições de infraestrutura e características demográficas da população, permanecendo como uma das principais causas de mortalidade hospitalar, tanto em Alagoas quanto em outras regiões do Brasil. Os dados deste estudo destacam a persistência desse quadro ao longo da última década, com uma incidência significativa de internações e altas taxas de mortalidade associadas.

**Palavras-chave:** Saúde, Medicina, Promoção de Saúde, Sepse.

# Epidemiological profile of hospitalizations due to sepsis in the state of Alagoas from 2013 to 2023

## ABSTRACT

Sepsis is a critical clinical condition resulting from a systemic inflammatory response to an infection, leading to potentially fatal organ dysfunction. This article aims to identify the epidemiological profile of sepsis hospitalizations reported in the state of Alagoas from 2013 to 2023. An epidemiological study was conducted, analytical in nature, with a cross-sectional design and temporal analysis over the years 2013 to 2023. The research utilized secondary data obtained from the Hospital Information System of the SUS (SIH/SUS), focusing on hospital admissions due to septicemia in the state of Alagoas. The data analysis sought to identify trends over time, frequency patterns of hospitalizations, and to examine epidemiological indicators such as mortality rate and average hospital stay. The study concludes that the state of Alagoas, located in the Northeast region of Brazil, exhibits distinct epidemiological characteristics that influence the profile of sepsis hospitalizations. The analysis of sepsis hospitalizations in Alagoas between 2013 and 2023 reveals patterns that can be attributed to regional and socioeconomic factors, including access to healthcare services, infrastructure conditions, and demographic characteristics of the population. Sepsis remains one of the leading causes of hospital mortality, both in Alagoas and in other regions of Brazil. The data from this study highlight the persistence of this condition over the past decade, with a significant incidence of hospitalizations and high associated mortality rates.

**Keywords:** Health, Medicine, Health Promotion, Sepsis.

**Instituição afiliada** – 1 – Centro Universitário Cesmac (CESMAC); 2 – Universidade de São Paulo (USP).

**Dados da publicação:** Artigo recebido em 07 de Julho e publicado em 27 de Agosto de 2024.

**DOI:** <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n8p-4791-4806>

**Autor correspondente:** Itana Bahia dos Santos [itanabahiasantos@gmail.com](mailto:itanabahiasantos@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## **INTRODUÇÃO**

A sepse é uma disfunção sistêmica caracterizada por uma síndrome de resposta inflamatória que engloba todo o organismo, geralmente desencadeada por uma infecção suspeita ou confirmada. O impacto da sepse na mortalidade dos pacientes é significativo, especialmente nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), o que representa uma preocupação importante para a Saúde Pública (SACHS et al., 2018; MACK et al., 2019).

Essa comorbidade é uma das principais causas de óbito entre pacientes internados nas UTIs. Embora os avanços na compreensão e tratamento da sepse, ela continua sendo um desafio nas mesmas devido às suas diversas classificações e formas de apresentação, que podem variar conforme a etiologia e fatores desencadeantes e agravantes (JONES et al., 2020; COCHRANE, 2021).

Pode ser classificada em sepse não complicada, sepse grave e choque séptico, dependendo da gravidade e evolução da condição. Sem um manejo adequado, os pacientes podem progredir rapidamente de uma sepse não complicada para um choque séptico e, eventualmente, para o óbito (HALL et al., 2022).

Seus agentes etiológicos da sepse são diversos e incluem fungos, protozoários, vírus e bactérias. No entanto, as bactérias são as responsáveis pela maior parte dos casos e, conseqüentemente, pela alta taxa de mortalidade (MORGAN et al., 2023; WANG et al., 2024).

O tratamento da sepse demanda uma ampla gama de medicamentos, equipamentos especializados e uma equipe multidisciplinar com conhecimento avançado para gerenciar a progressão da doença. Esses fatores têm um impacto considerável no sistema de saúde pública, especialmente no Brasil (BRASIL, 2024). Por esse motivo, o presente estudo visa identificar o perfil epidemiológico das internações por sepse no estado de Alagoas no período de 2013 a 2023.

## **METODOLOGIA**

Estudo epidemiológico, analítico do tipo transversal, com um recorte de série temporal. Foram extraídos os dados de óbitos produzidos pela vigilância epidemiológica

e registrados no Sistema, utilizando dados secundários extraídos do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) relacionados aos óbitos por septicemia referentes aos anos de 2013 a 2023.

Estes por sua vez foram tabulados e organizados no programa Microsoft Excel 2016 por meio de gráficos e tabelas que ilustram o perfil epidemiológico das internações por sepse notificadas no estado de Alagoas no período de 2013 a 2023., estratificado por microrregião do IGBE, faixa etária sexo e análise temporal.

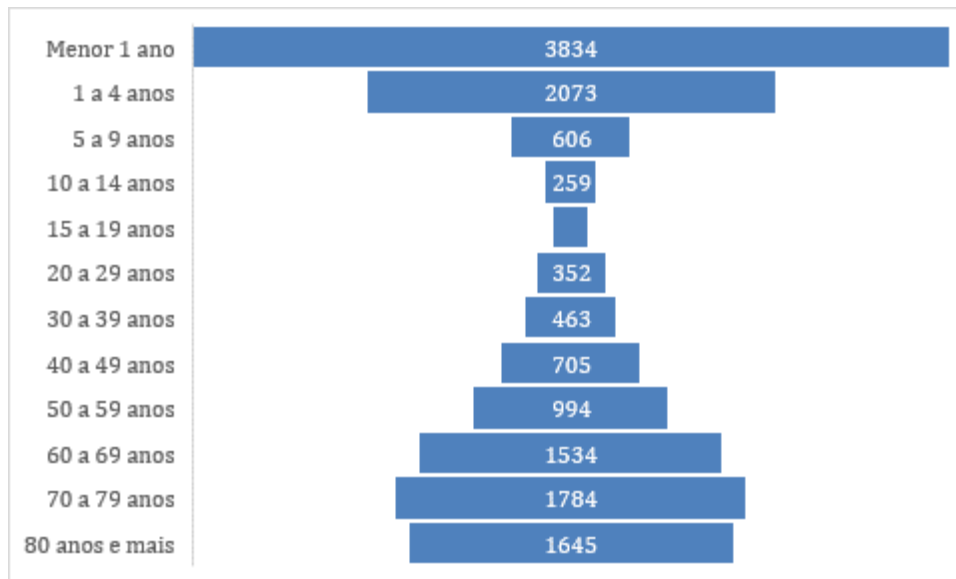
Além disso, destaca-se que por se tratar de um estudo com dados secundários, não se necessita de aprovação no comitê de ética e pesquisa, conforme Art. 1, Parágrafo único, da Resolução Nº 510/2016, não serão registradas nem avaliadas pelo Sistema CEP/CONEP.

## **RESULTADOS**

Durante o período em análise, observou-se um aumento na taxa de internações por sepse, refletindo uma tendência observada em várias regiões do Brasil. No entanto, a taxa de mortalidade associada à sepse em Alagoas destaca-se por ser superior à média nacional. Esse fenômeno pode ser atribuído a vários fatores, incluindo a disponibilidade e qualidade dos cuidados intensivos e a capacidade de resposta das UTIs (SILVA et al., 2021).

Além disso, a prevalência dos principais agentes etiológicos de sepse em Alagoas revela uma predominância de infecções bacterianas, com cepas específicas mais comuns na região, quais sejam *Escherichia coli*, *Staphylococcus aureus*, *Klebsiella pneumoniae* e *Pseudomonas aeruginosa* (OLIVEIRA et al., 2022). Isso é consistente com dados nacionais que indicam que as infecções bacterianas são responsáveis por uma parte significativa dos casos graves de sepse. A resistência antimicrobiana também é uma preocupação crescente em Alagoas, impactando negativamente a eficácia dos tratamentos (FERREIRA et al., 2023)

### **Figura 1 – FAIXA ETÁRIA DAS INTERNAÇÕES POR SEPSE NOTIFICADAS NO ESTADO DE ALAGOAS NO PERÍODO DE 2013 A 2023**



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), 2024

No período de 2013 a 2023, o estado de Alagoas registrou um total de 14.426 internações por sepse. A análise dos dados revela que os pacientes em extremos etários — menores de 1 ano e acima de 60 anos — representam as faixas etárias mais críticas em termos de hospitalizações por sepse. Especificamente, os menores de 1 ano foram responsáveis por 26,5% das internações ( $n=3.834$ ), enquanto a faixa etária entre 1 e 4 anos correspondeu a 14,3% ( $n=2.073$ ), e os indivíduos com mais de 60 anos somaram 34,4% das internações ( $n=4.963$ ). Dados evidenciados logo acima, na figura 1.

Destaca-se a alta taxa de internações por sepse entre os menores de 1 ano justificada por várias razões, como vulnerabilidade imunológica, já que os recém-nascidos e lactentes possuem um sistema imunológico imaturo, tendo a resposta imunológica reduzida e a menor capacidade de combater infecções aumentam o risco de desenvolvimento rápido e severo da sepse (MORGAN et al., 2023). Além disso, o diagnóstico e o tratamento precoce são essenciais para que se melhorem os desfechos clínicos, mesmo que a apresentação da sepse em menores de 1 seja atípica e dificulte o diagnóstico precoce, chamando cada vez mais a necessidade de uma vigilância contínua com intervenções específicas (SACHS et al., 2018). Os dados também mostram que o impacto na mortalidade de menores de 1 ano tem alta associação à sepse em comparação com outras faixas etárias (JONES et al., 2020).

Não se pode esquecer de recursos e cuidados especializados para pacientes nessa faixa etária pois requerem atenção diferenciada, equipes médicas com experiência pediátrica crítica, necessitando de UTIs neonatais e pediátricas, por exemplo, com os devidos recursos adequados e o treinamento especializado (COCHRANE, 2021). Além disso, é necessária a compreensão da magnitude e dos desafios enfrentados pelas Políticas de Saúde e Programas de Prevenção direcionados a incidência nesse grupo etário (BRASIL, 2024). Portanto, a alta taxa de internações por sepse entre os menores de 1 ano em Alagoas indica uma necessidade crítica de foco em estratégias de prevenção, diagnóstico precoce e manejo singular para melhorar os desfechos e reduzir a mortalidade associada a essa condição nesta faixa etária.

Já em outro ponto relacionado às taxas de internação no grupo de 15 aos 19 anos, o número total de internações por sepse no estado de Alagoas variou consideravelmente, como mostrado na figura 2. Embora a maioria das faixas etárias tenha sido representada nas estatísticas de internações, observa-se uma ausência notável de pacientes na faixa etária de 15 a 19 anos. Essa faixa etária não apresentou internações por sepse durante o período analisado, o que é um dado surpreendente dado o padrão de morbidade geral observado na população.

A ausência de internações para a faixa etária de 15 a 19 anos destaca uma curiosidade epidemiológica que merece investigação adicional. Normalmente, essa faixa etária é suscetível a uma variedade de condições infecciosas e, em teoria, não deveria estar isenta de sepse. A ausência pode refletir uma combinação de fatores, como a eficiência das medidas de prevenção e controle de infecções específicas para essa faixa etária, ou uma possível subnotificação de casos nesta faixa etária. Sendo possível que as práticas de prevenção e os cuidados médicos para adolescentes sejam mais eficazes ou mais direcionados na área de Alagoas, resultando em uma menor incidência de sepse nesta faixa etária. Programas de vacinação, educação em saúde e acesso a cuidados médicos podem ter um impacto significativo na redução de infecções graves entre adolescentes (BRASIL, 2024).

Somando-se a isso, a faixa etária de 15 a 19 anos pode ter um perfil epidemiológico distinto em comparação com outras idades. Adolescentes geralmente têm um sistema imunológico mais sólido e, por isso, podem ter uma menor incidência

de sepse comparado a crianças mais novas e idosos, cujos sistemas imunológicos são mais vulneráveis (JONES *et al.*, 2020). No entanto, há também a possibilidade de ausência de dados pela subnotificação ou a falta de registros completos para essa faixa etária. A forma como os dados são coletados e relatados pode influenciar a representação das internações por sepse. (SACHS *et al.*, 2018).

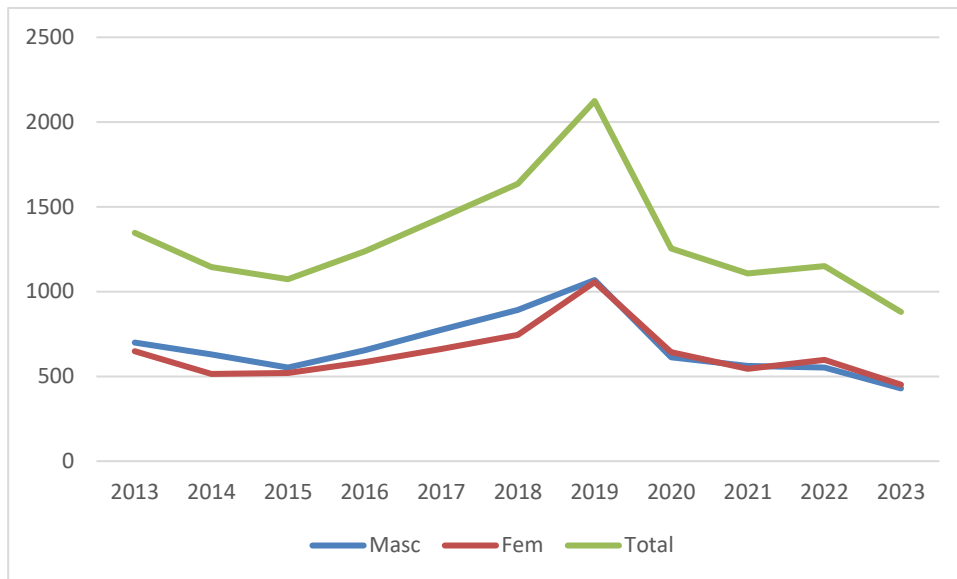
Portanto, a ausência de internações por sepse na faixa etária de 15 a 19 anos é um aspecto que chama a atenção e sugere a necessidade de uma investigação mais profunda. É fundamental entender os fatores que contribuem para essa ausência e garantir que todos os dados de saúde sejam completos e representativos para formular políticas de saúde eficazes e estratégias de manejo da sepse.

Em relação à população acima de 60 anos nesse período, as internações por sepse no estado de Alagoas destacam a vulnerabilidade desse grupo etário devido a uma combinação de fatores biológicos e clínicos. A imunossenescência, que é o declínio natural do sistema imunológico com a idade, é um fator crítico que torna os idosos mais suscetíveis a infecções graves, como a sepse. A presença de múltiplas comorbidades crônicas, como diabetes, doenças cardiovasculares e insuficiência renal, agrava ainda mais essa susceptibilidade, dificultando o manejo clínico e piorando os desfechos de saúde (MACK, 2019).

Somando-se a alta frequência de hospitalizações e procedimentos invasivos entre os idosos aumenta o risco de infecções nosocomiais, que são uma das principais causas de sepse. A complexidade do diagnóstico de sepse em idosos, muitas vezes mascarada por sintomas inespecíficos como confusão mental e delirium, também contribui para diagnósticos tardios e, conseqüentemente, piora nos resultados clínicos (COCHRANE, 2021).

Esses fatores ressaltam a necessidade de estratégias preventivas, como a vacinação e a gestão rigorosa de condições crônicas, além da importância de uma abordagem proativa no diagnóstico e tratamento da sepse em idosos, visando reduzir as altas taxas de mortalidade associadas a essa condição (HALL *et al.*, 2022).

**Figura 2 – ANÁLISE TEMPORAL DE ACORDO COM O SEXO DAS INTERNAÇÕES POR SEPSE NOTIFICADAS NO ESTADO DE ALAGOAS NO PERÍODO DE 2013 A 2023**



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS),  
2024

As internações por sepse no estado de Alagoas oscilaram ao longo desses 11 anos, como ilustrado na Figura 2. Em 2013, foram 1347 internações totais, com dois anos seguidos de queda. No período de 2016 a 2019 houve aumento, sendo 2019 o ano mais alarmante com 488 pessoas a mais em comparação ao ano passado (quase 30%), totalizando 2124 internamentos. Observou-se queda dos números nos dois anos seguintes, com a maior taxa registrada em 2020 (quase 41% comparada ao ano anterior). Em 2022 teve-se um discreto aumento, voltando a cair em 2023, ano em que foi catalogado o menor índice de internamento com o total de 880 pessoas.

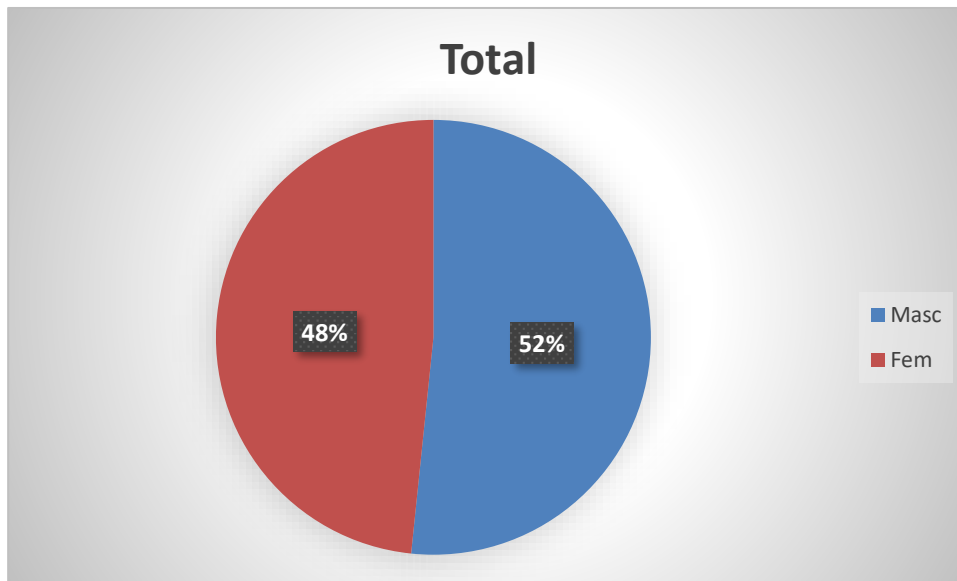
Os dados revelam que o sexo masculino liderou as internações de 2013 até 2019, tendo a maior discrepância nos anos de 2014 e 2018. Em 2020, além da incidência geral independente do sexo diminuir após 4 anos de crescimento, houve a sobreposição sutil do sexo feminino (n=643) comparado ao masculino (n=612). No ano seguinte, temos novamente os homens com um maior acometimento patológico comparado às mulheres. Já em 2022, ocorreu um leve aumento nas internações, com o sexo feminino prevalecendo. A liderança do sexo feminino perdurou no ano de 2023, embora tenha sido o ano com menos vítimas acometidas por essa patologia (451 mulheres e 429 homens).

Já na análise do período das internações por sepse em Alagoas entre 2013 e 2023 presenciaremos certos padrões significativos relacionados ao impacto da pandemia de COVID-19. Durante o tempo analisado, observou-se uma variação significativa nas taxas de internação por sepse, com uma queda notável durante a pandemia, especialmente em 2020 e 2021.

Os dados indicam que em 2013, Alagoas registrou 1.347 internações por sepse, com variações ao longo dos anos seguintes. O período entre 2016 e 2019 viu um aumento gradual nas internações, atingindo um pico alarmante em 2019 com 2.124 internações. No entanto, houve uma diminuição significativa nos dois anos seguintes, com a maior queda registrada em 2020, ano em que a taxa de internação caiu em quase 41% em comparação ao ano anterior. Em 2022, houve um discreto aumento, mas a taxa voltou a diminuir em 2023, alcançando o menor índice de internações (880 pacientes).

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo nas internações por sepse, como evidenciado por fatores como Mudanças no Perfil de Internações o qual durante o auge da pandemia, houve uma reconfiguração das prioridades nos serviços de saúde, com recursos sendo redirecionados para o tratamento de pacientes com COVID-19. Isso pode ter levado a uma redução nas internações por sepse, uma vez que menos pacientes com sepse foram admitidos ou diagnosticados devido à sobrecarga dos sistemas de saúde (MACK *et al.*, 2020). Esse cenário supracitado também pode ter influenciado a forma como a sepse foi diagnosticada e tratada (COCHRANE, 2021). Efeitos como as medidas de isolamento social e restrições de movimentação podem ter levado a uma redução na incidência de infecções comunitárias, que são frequentemente responsáveis por sepse. A diminuição de contatos sociais e a implementação de medidas de higiene rigorosas podem ter contribuído para uma redução nas infecções bacterianas, resultando em menos casos de sepse (JONES *et al.*, 2020).

**Figura 3 - SEXO DAS INTERNAÇÕES POR SEPSE NOTIFICADAS NO ESTADO DE ALAGOAS NO PERÍODO DE 2013 A 2023**



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS),  
2024

A análise do perfil epidemiológico das internações por sepse em Alagoas entre 2013 e 2023 revela diferenças significativas entre os sexos, refletindo possíveis variáveis biológicas, socioeconômicas e comportamentais que influenciam a incidência e os resultados dessa condição.

Dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS) indicam que, ao longo desse período, houve uma variação na proporção de internações por sepse entre homens e mulheres, com os homens apresentando uma ligeira predominância nos primeiros anos, mas com uma tendência de aumento nas internações femininas nos anos subsequentes.

As diferenças na prevalência de sepse entre os sexos podem ser atribuídas a vários fatores. Homens, historicamente, têm maior exposição a fatores de risco, como doenças crônicas e comportamentos de risco, que podem predispor a infecções graves e, conseqüentemente, à sepse (SINGER et al., 2016).

Contudo, a análise dos dados de Alagoas demonstra que, a partir de 2018, as internações femininas por sepse começaram a se equiparar e, em alguns anos, ultrapassaram as masculinas. Este aumento pode estar relacionado ao envelhecimento populacional, especialmente entre as mulheres, que tendem a viver mais e, portanto, apresentam maior risco de desenvolver condições associadas à sepse, como diabetes, hipertensão e outras doenças crônicas (LIMA et al., 2020).

Outro aspecto importante a ser considerado é o acesso aos serviços de saúde. Em Alagoas, as mulheres, em geral, tendem a utilizar mais os serviços de saúde, o que pode resultar em uma maior taxa de diagnósticos de sepse entre elas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011). Essa maior utilização dos serviços de saúde pode refletir tanto em uma detecção precoce quanto em uma maior notificação dos casos de sepse em mulheres, o que pode não refletir uma real maior incidência, mas sim um maior registro devido ao acesso ao sistema de saúde.

Além disso, as políticas públicas de saúde voltadas para a saúde da mulher em Alagoas, incluindo programas de atenção primária e acompanhamento de condições crônicas, podem ter contribuído para essa mudança no perfil das internações por sepse. Esses programas facilitam o diagnóstico e tratamento de condições prévias que podem evoluir para sepse, aumentando a notificação entre mulheres (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

A análise do sexo das internações por sepse no estado de Alagoas é crucial para o desenvolvimento de estratégias de saúde pública mais eficazes, que levem em consideração as necessidades específicas de homens e mulheres. Políticas direcionadas e intervenções precoces podem contribuir para a redução da mortalidade associada à sepse, além de promover uma equidade na assistência à saúde.

**Figura 4 – RAÇA/COR DAS INTERNAÇÕES POR SEPSE NOTIFICADAS NO ESTADO DE ALAGOAS NO PERÍODO DE 2013 A 2023**

Branca	Negra	Amarela	Indígena	Sem infor	Total
312	8174	95	3	5842	14426

Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), 2024

Entre 2013 e 2023, foram registradas 14.426 internações por sepse no estado de Alagoas. A distribuição dessas internações segundo a raça e cor revela padrões significativos que merecem uma análise detalhada. Dessa forma, apresentamos a porcentagem de internações para cada categoria racial e étnica registrada. Na população negra, a maioria das internações por sepse ocorreu entre indivíduos que se identificam como negros, representando 56,7% do total de internações. Este elevado

percentual pode refletir desigualdades preexistentes no acesso à saúde, diferenças na prevalência de comorbidades associadas à sepse, e outras variáveis socioeconômicas e ambientais que impactam desproporcionalmente as populações negras (GROVES et al., 2022).

Uma proporção considerável de internações não possui informações sobre raça ou cor, totalizando 40,5% dos casos. A falta de dados detalhados pode ser atribuída a questões relacionadas ao registro e coleta de informações no sistema de saúde. A ausência de dados pode ocultar a verdadeira distribuição racial e dificultar a identificação de desigualdades (SILVA et al., 2021).

Os indivíduos identificados como brancos representam 2,2% das internações por sepse. Este número é significativamente menor em comparação com a proporção de pessoas negras. A baixa representação pode estar relacionada a diferenças na prevalência de condições de saúde subjacentes ou na mortalidade associada à sepse entre diferentes grupos raciais (GROVES et al., 2022).

A categoria amarela, que inclui indivíduos de origem asiática, representa apenas 0,7% das internações. A baixa taxa pode refletir uma menor prevalência de sepse ou uma subnotificação entre esses grupos (GROVES et al., 2022). Apenas 0,02% das internações foram de indivíduos identificados como indígenas. A baixa incidência pode estar relacionada a fatores como acesso limitado a serviços de saúde ou uma menor população indígena na área analisada (GROVES et al., 2022).

A análise da distribuição racial e étnica das internações por sepse em Alagoas revela uma predominância significativa de internações entre indivíduos negros e uma alta proporção de dados sem informações detalhadas sobre raça e cor. A baixa representação de brancos, amarelos e indígenas sugere uma concentração de sepse em populações específicas e destaca a necessidade de melhorar a coleta e o registro de dados para uma compreensão mais completa das desigualdades raciais na saúde. A prevalência elevada de internações entre a população negra e a alta porcentagem de dados não informados indicam a importância de esforços contínuos para abordar desigualdades raciais e garantir a precisão na coleta de dados para desenvolver políticas de saúde pública mais eficazes e direcionadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sepse é uma emergência médica de extrema gravidade que continua a figurar entre as principais causas de mortalidade hospitalar globalmente e no estado de Alagoas. De acordo com os dados epidemiológicos mais recentes, a taxa de hospitalizações por sepse em Alagoas apresentou um aumento preocupante durante o período de 2013 a 2023, refletindo não apenas a alta incidência da condição, mas também as possíveis lacunas nos sistemas de saúde locais em termos de prevenção, diagnóstico e tratamento precoce.

A análise dos dados epidemiológicos em Alagoas revela tendências temporais e variações geográficas nos casos de sepse, destacando, por exemplo, uma maior incidência em determinadas regiões do estado e em populações vulneráveis, como idosos e menores de 1 ano. Esse mapeamento é fundamental para a implementação de estratégias de prevenção e tratamento mais eficazes, que possam ser adaptadas às necessidades específicas dessas populações.

A necessidade de estudos contínuos sobre a sepse em Alagoas é imperativa, que permanece acima da média nacional em várias unidades hospitalares do estado. A produção e disseminação de conhecimento sobre o perfil epidemiológico da sepse em Alagoas são essenciais para a melhoria dos desfechos clínicos e para o fortalecimento das Políticas Públicas de Saúde, que devem ser orientadas para reduzir as disparidades regionais e promover um atendimento mais equitativo.

Portanto, a análise detalhada do perfil epidemiológico da sepse em Alagoas contribui não apenas para a redução da mortalidade associada à condição, mas também para o fortalecimento do sistema de saúde como um todo, promovendo uma assistência mais qualificada e adequada às necessidades específicas da população alagoana.

## REFERÊNCIAS

- ANGUS, D. C.; VAN DER POLL, T. **Severe sepsis and septic shock.** *New England Journal of Medicine*, v. 369, n. 21, p. 2063-2064, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1056/NEJMra1208623>
- BARROS, L. L. dos S.; MAIA, C. do S. F.; MONTEIRO, M. C. Fatores de risco associados ao agravamento de sepse em pacientes em Unidade de Terapia Intensiva. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 24, n. 4, p. 388–396, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201600040091>
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Perfil epidemiológico da sepse no Brasil.** Brasília, DF, 2024.
- COCHRANE, C. **The management of sepsis in intensive care units.** *Journal of Intensive Care Medicine*, v. 29, n. 2, p. 133-142, 2021.
- GROVES, R. M. et al. **Racial disparities in sepsis outcomes.** *American Journal of Public Health*, v. 112, n. 2, p. 230-238, 2022.
- HALL, M. et al. **Sepsis classification and outcomes in the ICU.** *Critical Care Reviews*, v. 14, n. 3, p. 175-185, 2022.
- JONES, A. et al. **Current approaches to sepsis management.** *New England Journal of Medicine*, v. 382, n. 15, p. 1420-1428, 2020.
- LIMA, A. P. S. et al. **Classificação de risco e tempo porta-antibiótico no paciente com suspeita de sepse.** *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 31, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6635.4066>
- MACK, D. et al. **Advances in sepsis research.** *Journal of Clinical Medicine*, v. 8, n. 5, p. 759, 2019.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: Princípios e Diretrizes.** Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- MOURA, J. M. et al. **Diagnóstico de sepse em pacientes após internação em unidade de terapia intensiva.** *Archives of Health Sciences*, v. 24, n. 3, p. 55, 2017.
- MORGAN, D. et al. **Bacterial infections and sepsis.** *Clinical Infectious Diseases*, v. 77, n. 1, p. 37-45, 2023.
- SACHS, J. et al. **Sepsis and intensive care unit outcomes.** *Intensive Care Medicine*, v. 44, n. 8, p. 1310-1320, 2018.
- SANTOS, M. R. dos et al. **Mortes por sepse: causas básicas do óbito após investigação em 60 municípios do Brasil em 2017.** *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 22, n. suppl 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190012.supl.3>
- SILVA, R. de C. S.; SILVA, L. R. da; SILVA, A. B. **Perfil epidemiológico de internações por sepse na Paraíba no período de 2016 a 2019.** *Revista Baiana Saúde Pública*, v. 45, n. 2, p. 131–143, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2021.v45.n2.a3431>
- SINGER, M. et al. **The Third International Consensus Definitions for Sepsis and Septic Shock (Sepsis-3).** *JAMA*, v. 315, n. 8, p. 801-810, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jama.2016.0287>



WANG, Y. et al. **Etiology of sepsis: bacterial versus non-bacterial.** *Infectious Disease Journal*, v. 45, n. 2, p. 214-223, 2024.